



Arte original: Gláucia Nagem –“ Falatório 2” / Concepção e arte do cartaz: Maurício Simões / Web Designer: Ilana Chaia Finger

## *Prelúdio 6*

### **Passar os limites**

No dia 18 de maio de 1960, Lacan entrou na sala em que dava o seminário 7, sobre a ética, se perguntando, em voz alta, se não estaríamos “indo além da linha”. Esquecemos, dizia, que junto aos desejos de cada sujeito existe um mundo com seus eventos imprevisíveis. Tudo leva a crer que Lacan estava se referindo a uma catástrofe em curso, e assim é.

Isso é o que diz na lição XVIII: “O terrível desconhecido **para além da linha** é o que, no homem, chamamos de inconsciente, isto é, a memória do que ele esquece. E o que ele esquece – vocês podem ver em que direção – é nisso que tudo é feito para que ele não pense – o fedor, a corrupção sempre abertos como um abismo – pois a vida é podridão”<sup>1</sup>. E acrescenta: “a

---

<sup>1</sup> Lacan, J. (1959-1960). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 276.

destruição segunda da qual Sade falava outro dia (...) tornou-se de repente tangível para nós, com a ameaça da **anarquia cromossômica**, que **poderia** romper as amarras das formas da vida”<sup>2</sup>.

Agora já sabemos que Lacan está se referindo a algum artigo científico sobre genética. Como em lições anteriores vinha se referindo aos bens que uns possuem enquanto outros, seus semelhantes contemporâneos, são privados deles, conclui que a posse de bens é poder. Isso não significa que a partir do poder não se exerça a solidariedade com o outro em uma emergência.

A diferença estará, acrescentava Lacan naquele dia de 1960, no fato de que as descrições de Sade não serão nada se “explodir o grande, o real desencadeamento que nos ameaça”<sup>3</sup>. O mais certo é que em tal catástrofe nenhum motivo de prazer participará. Não serão os perversos que a desencadearão, e sim uma ordem emanada de um dos amos/burocratas, como sempre “justificada” por uma “razão” que oculte o montante calculado dos bens cobiçados.

66 anos passaram e as ameaças – agora, sim, com armas nucleares –, que um dos amos profere em suas coletivas de imprensa diárias nem sequer ocultam seus objetivos (terras, água, petróleo, gás, lítio, diamantes, terras raras) e o montante exato que obteria cumprindo-os.

Verificamos na clínica que não só não é possível amar o outro como a si mesmo – porque então se iria contra os próprios interesses – como também que não há pior inimigo em meio a qualquer distribuição de bens, que os ex-cônjuges, os irmãos que também são herdeiros ou os filhos insubordinados. Um pouquinho mais além do âmbito familiar, encontramos que o inimigo do qual se queixa o sujeito é seu colega, seu sócio, o mais próximo, o vizinho. Ou o migrante “invasor” que é mão de obra mais barata.

Basta ver como são tratados como mercadoria traficada os migrantes **pobres**. Não me refiro somente aos governos, mas sobretudo às pessoas comuns que veem no recém-chegado **uma ameaça aos bens** que têm ou que creem poder conseguir para si. Assim, elevam o estrangeiro **pobre** à categoria de inimigo. Parece-me que essa é a única maneira de explicar a ascensão sustentada de líderes autoritários na Europa, nos EUA e na América Latina, apoiados em um discurso que aumenta (eles mesmos o promoveram) os temores dos supostamente ameaçados pelos “invasores”

Lamentavelmente, a História nos ensina que isso tudo já aconteceu em outras épocas, ainda que não tão massiva e simultaneamente como hoje em dia, nem transmitido pelos meios de comunicação em tempo real e mundialmente.

---

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Lacan, J. (1959-1960). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 277.

Que lugar cabe aos analistas ocupar em meio aos conflitos armados e desarmados enquanto os cabeças do capitalismo atual estão decidindo, neste exato momento, em nome de todos? Conflitos com efeitos diversos que cada um dos nossos pacientes (alguns migrantes - ou em vias de sê-lo - e outros deportados) trazem ao consultório. Não é um lugar muito diferente daquele que Freud e Lacan nos mostraram quando exerciam a psicanálise em meio a circunstâncias históricas igualmente ameaçadoras. O lugar que nos cabe se estamos alertas **e não confundimos, na “práxis de nossa teoria”**<sup>4</sup>, “os sintomas do discurso do Outro, sempre histórico, com os sintomas do inconsciente, nada histórico, de que trata a psicanálise”<sup>5</sup>.

Um lugar **difícil..., mas necessário**, se não quisermos cair nos discursos do amo ou do pedagogo, pelo deslizamento que a tentação do cidadão que também somos fora do ato analítico sempre pode provocar, deslocando-nos do lugar de semblante de objeto causa do desejo do sujeito em análise ao de outro sujeito com opiniões, como as que enunciei acima.

Gioconda Espina

Caracas, 9 de fevereiro de 2026.

---

<sup>4</sup> Lacan, J. (1964) Ato de fundação. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p.238.

<sup>5</sup> Soler, Colette (2025) *A presença da psicanálise*. Debate do LIPP Itália-França.